

<p>2014</p> <p>UM OLHAR SOBRE O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA ESTADUAL “SILVEIRA DRUMOND”</p> <p>THAÍS APARECIDA DA SILVA</p> <p>Especialização em Ensino de Artes Visuais</p>	<p>THAÍS APARECIDA DA SILVA</p> <p>UM OLHAR SOBRE O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA ESTADUAL “SILVEIRA DRUMOND”</p> <p>Especialização em Ensino de Artes Visuais</p> <p>Belo Horizonte</p> <p>Escola de Belas Artes da UFMG</p> <p>2013</p>
--	---

THAÍS APARECIDA DA SILVA



**UM OLHAR SOBRE O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO 1º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA ESCOLA ESTADUAL “SILVEIRA DRUMOND”**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

THAÍS APARECIDA DA SILVA



**UM OLHAR SOBRE O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO 1º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA ESCOLA ESTADUAL “SILVEIRA DRUMOND”**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Rita Lages Rodrigues

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

Silva, Thaís Aparecida da, 1987- Um olhar sobre o ensino de Artes Visuais no 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual “Silveira Drumond”: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Thaís Aparecida da Silva -2013. 42 f.

Orientador (a): Rita Lages Rodrigues

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Rodrigues, Rita Lages. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Belas Artes

Programa de Pós-Graduação em Artes

Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Um olhar sobre o ensino de Artes Visuais no 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual “Silveira Drumond”*, de autoria de Thaís Aparecida da Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Rita Lages Rodrigues - Orientadora

Melissa Rocha

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre me acompanha e direciona minhas decisões.

Agradeço a minha mãe e ao meu namorado que tiveram paciência nos momentos em que esta me faltava, sempre me incentivando a continuar.

Agradeço também aos professores, tutores e especial a minha orientadora que muito contribuíram para que este momento se concretizasse.

RESUMO

O trabalho expõe resultados de uma pesquisa sobre o tema ensino de Artes Visuais, realizada com os educadores que atuam no 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual “Silveira Drumond”, no Município de Ferros, Minas Gerais. A partir do resultado da pesquisa é feito um comparativo entre a realidade observada, o proposto pela LDB nº 9.394/96 e na Matriz Curricular para Séries Iniciais, passando brevemente pela história do ensino de Artes Visuais no Brasil, mostrando momentos que tiveram grande relevância para esta área do conhecimento. A partir desses resultados são expostas algumas possibilidades de trabalho nesta fase da educação.

Palavras-chave: História. Artes Visuais. Educação.

ABSTRACT

The paper presents results of a research about the topic of teaching Visual Arts held with educators who work in the first year of junior high school of State School "Silveira Drumond", in the Municipality of Ferros, Minas Gerais. Based on the result of research was made a comparison between observed reality and proposed by LDB Nº. 9.394/96 and Curricular Matrix for initial grades passing briefly through the history of the school of Visual Arts in Brazil, showing moments that had great relevance to this area of Knowledge. From these results are exposed some possibilities of job for this stage of education.

Keywords: History, Visual Arts. Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL.....	11
1.1 Buscando as raízes.....	11
1.2 O que mudou com a Lei de Diretrizes e Bases-Lei Federal nº 4024 de 20 de dezembro de 1961.....	14
1.3 Lei de Diretrizes e Bases - Lei Federal nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.....	14
1.4 LDB-Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.	15
1.5 A realidade no ensino de arte	16
1.6 A formação dos professores que atuam na disciplina arte nas series iniciais do ensino fundamental.....	17
2. UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS	19
2.1. O trabalho de Artes Visuais dos professores que atuam no 1º ano do ensino fundamental da Escola Estadual “Silveira Drumond”.....	20
2.2 Realidade do ensino de Artes Visuais na Escola Estadual “Silveira Drumond”	24
3. REPENSANDO O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.	26
3.1 Possibilidades de trabalho.....	28
3.2 Trabalhando com Áudio Visual nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.	30
3.3 A avaliação no ensino de arte.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE	39

Introdução

O presente trabalho aborda a relação existente entre a legislação e a prática docente no ensino de arte no 1º ano do ensino fundamental de uma escola estadual da cidade de Ferros, fazendo um levantamento dos recursos materiais, da estrutura física e da formação acadêmica e continuada dos professores que lecionam Artes Visuais no 1º ano do ciclo inicial da alfabetização.

Ferros é uma cidade situada no interior de Minas Gerais, a 180 km da capital Belo Horizonte, no sentido centro-leste do estado. É uma cidade com um vasto potencial histórico/cultural e de acordo com o censo do IBGE de 2010, tem 10.837 habitantes¹, sendo que quase a metade da população reside na zona rural.

Hoje o ensino de artes em Ferros se apresenta da seguinte forma: nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental é ministrado pelo professor que rege as demais disciplinas e nas Séries Finais dos Ensinos Fundamental e Médio, existe professor específico para a disciplina.

Para o levantamento de dados sobre a situação do ensino de arte na escola supracitada foi realizada entrevista com os professores, através de questionários. Diante dos dados coletados, foi analisada a realidade do ensino de Artes Visuais no 1º ano da Escola Estadual “Silveira Drumond” em Ferros abordando conformidades e desacordos em com a legislação vigente.

Levando em consideração o processo de formação dos arte-educadores durante os diversos momentos da história do ensino de Artes, a infraestrutura das escolas e outros fatores que interferem no processo de ensino aprendido, é apresentada relação entre o ensino de arte presente na legislação e o ensino de arte ministrado no 1º ano da Escola Estadual “Silveira Drumond”

Para a compreensão do ensino de arte como é hoje, voltou-se à história deste ensino no Brasil. A investigação é iniciada através de pesquisa bibliográfica sobre o processo histórico do ensino de arte e através desta percebem-se fatores que influenciaram fortemente em sua apresentação atual, sendo o ensino de artes no Brasil fruto de um processo iniciado pelos jesuítas no período da colonização. Neste

¹ Informação disponível em <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=21&uf=31>> Acesso em 23 out. 2013.

percurso, acontecimentos como o sancionamento das leis n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961, n. 5.692, de 11 de agosto de 1971 e nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 foram conquistas de grande relevância e se tornaram marcos no ensino de arte no Brasil. No entanto, o ensino de arte ainda é muito desvalorizado dentro das instituições escolares.

No decorrer dos anos, inúmeras mudanças surgiram no cenário do ensino de arte, estas deixaram conquistas importantes como as mencionadas anteriormente e também a criação do Conteúdo Básico Comum (CBC), dos Parâmetros Curriculares Nacionais-Arte (PCN-ARTE) e da Matriz Curricular de Artes – Ciclo da Alfabetização e Ciclo Complementar. No entanto, a desvalorização da disciplina e a pouca oferta de professores com formação na área entram em conflito com o proposto pela legislação supracitada, indagando-nos a pensar, qual é a real situação do ensino de Artes Visuais nas escolas públicas nos dias atuais?

A monografia divide-se nos seguintes capítulos: capítulo I apresenta um breve relato sobre a trajetória do ensino de arte no Brasil, incluindo a formação dos professores de Artes Visuais e as mudanças na LDB referente a este ensino.

O capítulo II trata de uma pesquisa realizada com professores que atuam no 1º ano da Escola Estadual “Silveira Drumond”. Através de entrevista buscou-se identificar como esta área do conhecimento é trabalhada na escola. Os levantamentos feitos foram analisados levando em consideração as legislações que direcionam este ensino.

O capítulo III apresenta a análise da entrevista, que foi contextualizada com o que é proposto na LDB, no PCN-Arte e na Matriz Curricular de Arte. A partir destas reflexões foram propostas algumas alternativas de trabalho, que se adequam à realidade da escola, buscando alternativas favoráveis para a valorização do ensino de artes.

1. A história do ensino de arte no Brasil

Conhecer um pouco da história do ensino da arte no Brasil nos possibilita entender sua apresentação no momento atual. Conhecendo nossas raízes referenciamos o passado e suas influências no presente momento.

Desde o início da história da humanidade, a arte tem se mostrado como uma práxis presente em todas as manifestações culturais. O homem que desenhou um bisão em uma caverna pré-histórica teve de aprender e construir conhecimentos para difundir essa prática. E, da mesma maneira, compartilhar com as outras pessoas o que aprendeu. A aprendizagem e o ensino da arte sempre existiram e se transformaram, ao longo da história, de acordo com normas e valores estabelecidos, em diferentes ambientes culturais. (PCN – ARTE, 1998. p. 20).

A história sobre o ensino de arte no Brasil passou por diversos momentos políticos, culturais, sociais e artísticos, que foram extremamente significativos e que influenciaram as práticas de ensino nos dias atuais.

A compreensão da trajetória do ensino da arte no Brasil ao longo da história tem como princípio norteador a busca de um maior entendimento do momento contemporâneo. Conhecer os caminhos traçados é uma maneira de identificarmos as raízes das nossas práticas e encontrarmos possibilidades de uma reflexão mais aprofundada e consistente das nossas ações. A proposta não é rever o passado a partir de ações seguindo uma cronologia temporal e estanque, mas encontrar referências que nos situem como sujeitos históricos e capazes de avançar na nossa experiência cotidiana. (MACEDO, 2008, p.33.)

1.1 Buscando as raízes.

Quando os jesuítas chegaram ao Brasil para “educar” os nativos e os escravos, além de seus ensinamentos sobre religião fizeram trabalhos voltados ao ensino da Arte. O trabalho desenvolvido por eles, apesar de ser uma arte importada da Europa, adquiriu um novo formato, devido os conhecimentos já existentes em seus educandos. Os jesuítas realizavam um trabalho que valorizava a retórica deixando os trabalhos manuais em segundo plano.

Os trabalhos artísticos desenvolvidos pelos jesuítas giravam em torno de peças teatrais com temas religiosos e Canto gregoriano.

Penteado (2001) aponta que:

Em 1808, com a vinda da família real para o Brasil D. João VI funda as primeiras escolas superiores no país. Traz a Missão Artística Francesa que passa a influenciar o ensino de artes substituindo o Barroco Brasileiro pelo neoclassicismo e a concepção popular de arte por uma concepção burguesa. (PENTEADO, 2001)

Segundo Carrara (2011) “Com a vinda da Missão Francesa, teve a criação da Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura E Arquitetura- Civil, em 1820, transformada depois em Escola Nacional de Belas Artes”. (CARRARA, 2011, p.18)

A proposta inicial da Real Academia era voltada para a formação de trabalhadores, onde a clientela alvo seria a classe operária. No entanto o que se nota com a difusão do neoclassicismo é um ensino elitista, voltado a burguesias da época. E como afirma Carrara “o Brasil passa a ser, por muito tempo, um país da Europa”. (CARRARA, 2011, p. 15)

A criação da Academia de Artes no Brasil foi de grande importância para o processo de evolução do ensino Arte no Brasil, porém neste momento surge o conceito que o ensino de artes é desnecessário, um luxo.

A Semana da Arte Moderna de 1922 entra na história do ensino de arte, revolucionando este campo desde a sua criação até seu ensino, tornando um marco neste enredo. Através deste movimento a livre expressão é inserida na escola, assumindo um espaço onde era possível demonstrar o que existia na essência de cada indivíduo que produzia arte.

Durante o modernismo o conceito de produção artística infantil é modificado, há o reconhecimento de que a criança apresenta características próprias, houve uma valorização do desenho infantil como expõe Gouthier:

No momento em que a criança conquista seu lugar como sujeito, com características próprias, deixando de ser apenas um projeto do adulto, há um olhar focado na livre expressão do desenho infantil, valorizado como objeto para o estudo cognitivo. (GOUTHIER, 2009, p.11)

As Escolinhas de Arte do Brasil iniciaram seus trabalhos na década de 1950, tendo como uma de suas idealizadoras Noêmia Varela. Essas instituições de ensino foram consideradas as primeiras instituições de ensino de arte moderna no país.

Em 1958, o Governo Federal autorizou a inserção de classes experimentais na escola pública, estas trabalhavam com metodologias desenvolvidas pelas Escolinhas de Arte do Brasil.

Essas classes foram implantadas pelos governos estaduais de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e pelo MEC.

Esta decisão, amplamente festejada por todos os pioneiros em arte educação, promoveu, contudo, através da multiplicação não planejada, uma diluição das experiências anteriores que talvez viessem a dar alguma autenticidade à arte educação no Brasil. (BARBOSA, 2002, p.48).

No final da década de 1950 havia quase 20 Escolinhas de Arte no país. As Escolinhas de Arte do Brasil apresentavam um ensino com características tecnicistas voltadas a interesses de uma sociedade industrializada, o que ficou mais acentuado em 1970, durante o Regime Militar, que trazia consigo o autoritarismo do Estado.

A década de 1960 tem como uma de suas marcas a livre expressão, Barbosa (2006) afirma que este fato acabou “[...] transformando a função do professor em espectador da obra de arte da criança, e ao qual competia, antes de tudo, preservar sua ingênua e autêntica expressão”. (BARBOSA, 2006, p.114)

Neste momento a interferência do professor era vista como fator negativo no desenvolvimento da criatividade infantil.

Um ponto relevante no ensino de Arte se dá no ano de 1988 quando a Arte Educadora Ana Mae Barbosa, inspirada no projeto Discipline Based Art Education, adapta as condições de ensino brasileiras e apresenta a Abordagem Triangular que segundo a própria autora:

(...) deriva de uma dupla triangulação. A Primeira de natureza epistemológica, ao designar os componentes do Ensino/aprendizagem por três ações mentalmente e sensorialmente básicas. Quais sejam: criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e Contextualização. A segunda triangulação está na gênese da própria Sistematização, originada em uma tríplice influência, na deglutição de três. Outras abordagens epistemológicas: as Escuelas al Aire Libre mexicanas, o Critical Studies inglês e o movimento de apreciação Estética aliado ao DBAE (Discipline Based Art Education) americano. (BARBOSA, 1998, p.33-34).

Na Abordagem Triangular encontramos fundamentos propostos pelos PCN Arte (Parâmetros Curricular Nacional – Arte), que hoje é um dos principais norteadores do ensino de Arte no país.

Ao longo do tempo, o conceito de Arte foi objeto de diferentes interpretações: arte como técnica, como produção de materiais artísticos, como lazer, como liberação de impulsos, como expressão, como linguagem, como comunicação. (BIASOLI, 1999).

1.2 O que mudou com a Lei de Diretrizes e Bases-Lei Federal nº 4024 de 20 de dezembro de 1961.

Com a Lei de Diretrizes e Bases de 1961 a arte se apresenta como atividades que na maioria das vezes se efetivavam como trabalhos e ilustrações de conteúdos estudados em várias disciplinas. O ensino de arte é considerado matéria como é apresentado na LDB nº 4024/61:

Art. 38 Na organização do ensino de grau médio serão observadas as seguintes normas: (...) IV - atividades complementares de iniciação artística; (...)

Art. 50. Os estabelecimentos de ensino industrial poderão, além dos cursos referidos no artigo anterior, manter cursos de aprendizagem, básicos ou técnicos, bem como cursos de artesanato e de mestría, vetado. (Lei Federal nº 4024 de 20 de dezembro de 1961).

1.3 Lei de Diretrizes e Bases - Lei Federal nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.

Com a nova LDB a Arte ainda não é considerada disciplina, no entanto, seu ensino passa a ser obrigatoriamente assegurado por lei. Segundo o PCN – Arte. (1998. p.26.)

Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada “atividade educativa” e não disciplina, tratando de maneira indefinida o conhecimento.

Lê-se na LDB- Lei Federal n 5.692, de 11 de agosto de 1971 o seguinte texto:

Art. 1º O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania. (...)

Art. 7º Será obrigatória à inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programa de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus.

Porém não existiam professores com formação acadêmica na área de Artes, que a partir da 5º série exigia grau universitário para lecioná-la. A única formação

recebida pelos educadores da época era as das Escolinhas de Arte que ofereciam formação polivalente em artes, mas não em arte educação.

Diante do panorama apresentado vê-se como solução a necessidade de formação em massa o que é muito criticado pelos educadores que atuavam na área artística após o sancionamento da LDB, nº 5692 de 1971.

Os cursos que formaram os profissionais que pretendiam atuar na área só foram criados em 1973, com 2 anos de duração e também abrangiam a polivalência das linguagens artísticas. Barbosa (2008) caracteriza que:

A polivalência consistia em um professor ser obrigado a ensinar música, teatro, dança, artes visuais e desenho geométrico, tudo junto, da quinta série do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, sendo preparado para tudo isso em apenas dois anos nas faculdades e universidades. (BARBOSA, 2008. p. 24)

No entanto, esta tentativa obteve como resultado o fracasso uma vez que um único professor não dominaria as quatro áreas do ensino de arte.

De maneira geral, entre os anos 70 e 80 os antigos professores de Artes Plásticas, Desenho, Música, Artes Industriais, Artes Cênicas e os recém-formados em Educação Artística viram-se responsabilizados por educar os alunos (em escolas de ensino fundamental) em todas as linguagens artísticas, configurando-se a formação do professor polivalente em arte. Com isso, inúmeros professores tentaram assimilar e integrar as várias modalidades artísticas, na ilusão de que as dominariam em seu conjunto. Essa tendência implicou a diminuição qualitativa dos saberes referentes às especificidades de cada uma das formas de arte e, no lugar destas, desenvolveu-se a crença de que o ensino das linguagens artísticas poderia ser reduzido a propostas de atividades variadas que combinassem Artes Plásticas, Música, Teatro e Dança, sem aprofundamento dos saberes referentes a cada uma delas. (PCN – ARTE.1998. p. 27)

1.4 LDB-Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Com a Constituição Federal de 1988 iniciou-se a discussão de uma nova LDB na Câmara e no Senado. O ensino de arte quase perde sua obrigatoriedade, devido a determinações do senado, porém os arte-educadores lutaram para que isso não acontecesse. Em vários estados do Brasil, as Associações de Professores se organizaram, criando a Federação das Associações de Arte Educadores do Brasil com o objetivo de melhoria da qualidade de ensino de arte no Brasil.

Após muitos debates e manifestações de educadores, a atual legislação educacional brasileira reconhece a importância da arte na formação e desenvolvimento de crianças e jovens, incluindo-a como componente curricular obrigatório da educação básica. No ensino fundamental a Arte passa a vigorar como área de conhecimento e trabalho com as várias linguagens e visa à formação artística e estética dos alunos. A área de Arte, assim constituída, refere-se às linguagens artísticas, como as Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança. (PCN – ARTE.1998. p.19)

A luta trouxe resultados favoráveis e na LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, fica extinta a Educação Artística e passa a existir a disciplina de Arte, obrigatória e dividida em Artes Visuais, Música, Teatro e Dança como apresentado no artigo 26, parágrafo 2º do documento supracitado. “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.)

É relevante o fato de que antes da LDB de 1996 a arte era considerada como atividade artística do currículo escolar e com a nova lei passa a ser área de conhecimento, ganhando espaço e valor dentro do setor educacional, o ensino de arte passa a direcionar-se a objetivos próprios e não mais aos de outras disciplinas como acontecia anteriormente.

Dois anos após o sancionamento da LDB nº 9.394/96 são lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais-Arte (PCN), com estes dois documentos o Governo Federal fortalece o ensino de Arte no Brasil. Os PCN desempenham um importante papel na orientação sobre este ensino de arte. Mödinger (2012) aponta que este documento “têm interessantes questões sobre arte e que merecem um olhar atento.” (MÖDINGER, 2012. p.29). Outro fator importante abordado pelo mesmo autor é a disponibilidade de acesso a este documento, que pode ser encontrado para download com facilidade nos site das secretarias de educação.

1.5 A realidade no ensino de arte

Hoje há formação universitária para cada linguagem da arte. No entanto, são poucas instituições que oferecem essas modalidades de cursos e as escolas públicas têm apenas um professor para todas as áreas da arte, entrando em divergência com o proposto na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Como

podemos ver no Edital da Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão de Minas Gerais SEPLAG/SEE Nº. 01 /2011, de 11 de julho de 2011, que exige como formação mínima para trabalhar a disciplina arte o curso de licenciatura em Educação Artística polivalente.

2.2 Escolaridade mínima exigida (...)

h) Professor de Educação Básica – PEB – Nível I Grau A(...)

h.1) Arte/Artes: diploma devidamente registrado de curso legalmente reconhecido de Licenciatura Plena em Educação Artística, expedido por instituição de ensino superior Credenciada; (SEPLAG/SEE, p. 2 e 3.)

Hoje, 17 anos depois da aprovação da nova LDB, pode-se ver que pouco foi feito para formar profissionais que se adequam ao exigido na lei. E que ainda é exigido o curso de Educação Artística como requisito para lecionar Arte (quatro linguagens artísticas - Artes Visuais, Teatro, Música e Dança)

Com muitas lutas, progressos e retrocessos, por parte dos Arte Educadores, o ensino de Arte hoje é considerado obrigatório, mas continua sendo desvalorizado como apresenta o PCN de Arte.

A arte na escola já foi considerada matéria, disciplina, atividade, mas sempre mantida à margem das áreas curriculares tidas como mais “nobres”. Esse lugar menos privilegiado corresponde ao desconhecimento, em termos pedagógicos, de como se trabalhar o poder da imagem, do som, do movimento e da percepção estética como fontes de conhecimento. (PCN-Arte, 1998. p. 26.)

Nas escolas a arte é vista como uma disciplina sem valor, um momento de relaxamento, uma disciplina que não transmite nada e que por este motivo não pode ser comparada com as outras disciplinas. Um dos principais fatores desta visão equivocada referente ao ensino de arte é o fato de que os profissionais que atuam nesta disciplina muitas vezes não têm formação em arte, impossibilitando-os de alcançar os objetivos propostos pela disciplina.

1.6 A formação dos professores que atuam na disciplina arte nas series iniciais do ensino fundamental.

Os professores que atuam nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental na rede pública são os responsáveis por lecionar as aulas de arte em suas turmas, estes em sua maioria apresentam formação em Pedagogia ou no curso de Normal Superior.

Ao analisar a grade curricular de alguns cursos de pedagogia oferecidos em Minas Gerais pode-se perceber que estes apresentam em sua carga horária uma média de 70 horas/course voltado ao ensino de arte (Artes Visuais, Teatro, Dança e Música).

Existe também a exigência de cerca de 200 horas extracurriculares que direciona o aluno na buscar eventos e apresentações artísticas durante o curso. Mas será que com esta estruturação os cursos preparam os professores para atuarem nas aulas de arte com seus respectivos objetivos?

Como afirma Iavelberg (2003) “Compete aos centros de formação de professores investirem em projetos de pesquisa e de formação contínua para que os professores sejam os protagonistas de práticas atualizadas em sala de aula.” (IAVELBERG, 2003 p.9)

Diante da realidade é necessário que o educador seja um constante pesquisador, buscando atualizar-se para ensinar arte, objetivando o que é proposto pela disciplina.

2. Uma experiência no ensino de Artes Visuais

Quando iniciei o curso de pedagogia, as únicas disciplinas em que apresentaram algumas concepções de arte foram as disciplinas de “Jogos, recreação e lazer” e “Ludicidade e psicomotricidade” que apresentava de forma remota e teórica o ensino de artes, sem oportunizar dentro da disciplina espaço ou estímulos para aprofundamento no assunto.

Após iniciar meus trabalhos como pedagoga em uma Escola Estadual tive a oportunidade de conhecer um livro didático (multidisciplinar) do Projeto de Aceleração da Aprendizagem, que abordava o tema Arte como linguagem. Nele era possível encontrar textos e imagens sobre as obras de artistas como Marcel Duchamp, Hélio Oiticica entre outros.

Como até aquele momento não tinha tido contato com nenhum livro didático que abordasse o tema arte, fiquei fascinada com as possibilidades daquele material.

Algum tempo depois iniciei o Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, e pude perceber que ensinar Arte é muito mais do que entregar aos alunos tinta guache, papel, giz de cera, lápis de cor, folhas mimeografadas com imagens para colorir ou ampliar, como foi o ensino que recebi, e também é muito mais do que falar sobre alguns artistas e apresentar imagens de obras criadas por eles como apresentado no livro que encontrei.

Durante o Curso de Especialização em Artes Visuais, vi que as possibilidades são muito variadas e que o professor para lecionar Artes Visuais deve estar preparado para desenvolver um árduo trabalho caso trabalhe em escola pública, pois no Brasil esta área do conhecimento é pouco valorizada, o que muitas vezes diminui o interesse dos alunos pelas aulas. Outro motivo relevante é o fato de que o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do Ministério da Educação (MEC) não inclui livro didático para o ensino de Artes Visuais, o que demanda do professor mais pesquisa e dedicação uma vez que um bom livro didático nesta área poderia servir como material de apoio às práticas pedagógicas, auxiliando o trabalho do professor que, por não ter capacitação para trabalhar esta área de conhecimento, apresenta dificuldades de direcionar a aprendizagem de seus alunos.

O ensino de Artes Visuais exige profissionais capacitados que conheçam as possibilidades de sua escola e que estejam dispostos a pesquisar e usar a criatividade para atrair a atenção e o interesse de educandos que tem acesso ao mundo na palma da mão, mas que muitas vezes não foram instigados a usar as mãos para ver um mundo fascinante, do fazer, apreciar e contextualizar obras de arte.

O papel dos professores é importante para que os alunos aprendam a fazer arte a gostar dela ao longo da vida. Tal gosto por aprender nasce também da qualidade da mediação que o professor realiza entre os aprendizes e a arte. (IAVELBERG, 2003 p.10)

Para se ter educandos abertos a descobertas, os professores devem desenvolver um trabalho sistemático, atendendo às normas legislativas e aos documentos oficiais desde o início da formação escolar.

Diante da situação, constata-se a importância de conhecer a real situação em que se encontra o ensino de Artes Visuais no 1º ano do ensino Fundamental da Escola Estadual “Silveira Drumond”. O Ciclo Inicial da alfabetização se caracteriza como a introdução do indivíduo no mundo da educação, sendo o momento em que o aluno começa a apreciar, ou não, determinado conteúdo.

O educador que atua no 1º ano do ensino fundamental tem o importante papel de educar para as séries seguintes.

2.1. O trabalho de Artes Visuais dos professores que atuam no 1º ano do ensino fundamental da Escola Estadual “Silveira Drumond”

Leciono em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual “Silveira Drumond” no município de Ferros cidade de 10 mil habitantes no interior de Minas Gerais.

Nesta escola existem três turmas de 1º ano. Diante do fato busquei conhecer através de questionário as práticas e as considerações de duas colegas sobre o ensino de Artes Visuais nas turmas em que lecionam.

Partindo do pressuposto que conhecendo a realidade do ensino oferecido na turma de 1º ano podem ser feitas considerações relevantes sobre as séries

seguintes, foi realizada uma entrevista com duas professoras que atuam nesta escola.

Foi entregue a elas um questionário com as seguintes perguntas:

Qual é sua área de formação?

Durante sua formação foi abordado o ensino de Artes Visuais?

O que você entende por Artes Visuais?

Com a formação que você teve até aqui, Você se sente capacitada para trabalhar Artes Visuais nas Séries Iniciais?

Você já recebeu algum tipo de formação continuada na área de Artes Visuais?

Como são suas práticas pedagógicas no ensino de Artes Visuais? Que tipo de atividade é realizado?

Que tipo de material utiliza?

A escola fornece este material?

Em sua escola existe material didático para o ensino de Artes Visuais?

Como é feita a avaliação dos alunos nas aulas de Artes Visuais?

Qual é a importância do ensino de Artes Visuais para você?

As respostas obtidas possibilitaram fazer as seguintes considerações:

Uma das professoras sempre atuou na Educação Infantil e este é seu primeiro ano nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental e a outra atua desde o início de sua carreira tanto na Educação Infantil como nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental².

As duas educadoras são formadas no curso Normal Superior e uma delas é pós-graduada em psicopedagogia. Quando perguntadas se durante a formação acadêmica foi abordado o ensino de Artes Visuais, ambas responderam que durante o curso de graduação, o tema foi abordado brevemente, com menos de 40 horas aulas. E que por isso não se sentem seguras para trabalhar o ensino de arte.

Quanto à avaliação dos alunos, responderam que a fazem observando participação dos alunos e relacionamento em grupo. As atividades desenvolvidas por elas durante as aulas de Artes Visuais são colorir desenhos, ilustração de textos,

² Durante a escrita do trabalho fez-se necessário à informação do tempo de atuação nas séries iniciais, das professoras entrevistadas, esta informação foi buscada fora do questionário escrito.

montagem de mosaicos, desenho, pintura, assistir filmes, recorte e colagem, música, dança e outras.

Em suas práticas pedagógicas utilizam os seguintes materiais: papel, tesoura, lápis, canetinha, borracha, tinta, cartolina, papel cartão, emborrachado, gravuras retratos, giz, colagem e pintura. A escola não oferece os materiais necessários (recursos didáticos) para a aula, quando estes não são trazidos pelos alunos são providenciados pelos próprios professores regentes.

Quando perguntadas sobre matérias, sobre livros didáticos, elas responderam que na escola não há material didático para o ensino de Artes Visuais.

Analisando as respostas obtidas pude perceber que o ensino de Artes Visuais no primeiro ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual “Silveira Drumond” ainda é executado objetivando a confecção de lembrancinhas para os pais, bandeirolas para festa Junina, colorido, etc.

As educadoras entrevistadas acham importante o ensino de Artes Visuais, pois este possibilita o desenvolvimento da criatividade e da expressão, sendo também um momento de relaxamento para as crianças.

Foi constatado que estas professoras não sabiam exatamente o que é ensino de Artes Visuais uma vez que abordaram como atividade desenvolvida nas aulas de Artes Visuais o ensino de música e dança. Quando questionadas sobre seu preparo para lecionar a disciplina responderam que não se sentem capacitadas para atuar neste campo do conhecimento, encontrando dificuldades para trabalhar a disciplina.

Foi possível verificar que a concepção de ensino de arte se faz em função de outras disciplinas quando uma das professoras afirma que uma das atividades artísticas realizadas por seus alunos é a criação de desenhos para ilustrar textos de Português e outras disciplinas, (o que em si não é problemático desde que se reflita sobre a ilustração de textos). No entanto, o que se percebe quando se analisam as atividades dadas em sala de aula, é que muitas vezes não existe um propósito, um objetivo a ser alcançado pela disciplina arte.



Figura 1 - Atividades de alunos do 1º ano.

Outro fator que caracteriza o pouco valor atribuído a esta disciplina é o fato de que nunca foi oferecido a estes educadores nenhum curso de formação em artes durante sua vida profissional.

Nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental na rede estadual de ensino em Minas Gerais o estudo de arte é direcionado pela Matriz Curricular-Artes, Ciclo da Alfabetização Complementar 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental - Versão Preliminar, que apresenta o ensino de arte dividido em quatro eixos, Artes Visuais, Música, Dança e Teatro. Analisando os documentos PCN, Abordagem Triangular e a Matriz Curricular, foi possível identificar que estes três instrumentos apresentam características em comum na divisão das capacidades do eixo Artes Visuais onde aparecem os verbos reconhecer, experimentar, selecionar, criar, recriar e apreciar.

A Matriz Curricular constitui-se em um importante direcionador das práticas pedagógicas na disciplina arte, uma vez que apresenta as capacidades que devem ser desenvolvidas pelos educandos, os conteúdos que devem ser trabalhados em cada capacidade e orientações sobre possíveis atividades que podem ser trabalhadas para atingir determinado objetivo.

Voltando às práticas das educadoras supracitadas e ao que é proposto na Matriz Curricular, pode-se perceber uma grande divergência entre proposta e prática uma vez que o documento mencionado anteriormente aborda os conhecimentos que devem ser construídos pelos alunos e as possibilidades de trabalho para auxiliá-lo na construção dos mesmos. Diante do fato, constata-se que existe a necessidade de capacitar os educadores não só apenas nos conteúdos de Artes Visuais, mas também para trabalhar com um instrumento como a Matriz Curricular que pode ser um eficiente direcionador dos trabalhos quando o educador se sente preparado para trabalhar a disciplina.

O PCN-Arte e Matriz Curricular propõem o ensino de arte voltado às quatro linguagens artísticas direcionadas ao que é proposto pela Abordagem Triangular, que tem como eixo de ensino o produzir, fruir, refletir arte, a questão contextualizar e aborda apenas no ciclo complementar.

2.2 Realidade do ensino de Artes Visuais na Escola Estadual “Silveira Drumond”

As concepções de ensino de Artes Visuais nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Estadual “Silveira Drumond” apresenta-se diferente do que é proposto nos documentos que o regem. Em vários momentos durante a pesquisa pode-se perceber esta divergência.

É certo que as crianças gostam de desenhar, pintar, modelar. Mas o que desenhar, pintar e modelar? Como dar sentido as atividades realizadas pelos alunos durante as aulas de artes visuais?

Para arte se tomar parte da vida dos nossos educandos deve haver investimento primeiramente e principalmente na formação de educadores que se sentem preparados para atuar neste campo com segurança. Iavelberg (2003) afirma que “Aprender arte envolve a ação em distintos eixos de aprendizagem: fazer, apreciar e refletir sobre a produção social e histórica da arte, contextualizando os objetos artísticos e seus conteúdos”. (IAVELBERG, 2003 p.10)

O PCN-Arte (1998) afirma várias vezes que estimular os alunos a produzir com liberdade é função do professor. Esse deve atuar como orientador e

direcionador da aprendizagem. Devendo a todo o momento refletir sobre as metodologias usadas para orientar os trabalhos de seus alunos, oportunizando a eles fantasiar, criar, sonhar, cuidando para que não haja interferências negativas nas produções dos mesmos.

Por meio das artes, produzimos pensamentos e conhecimentos sobre o mundo, da mesma forma que em Língua Portuguesa e Literatura, Matemática, Ciências, História, Geografia e Educação Física. Quando a criança ingressa no mundo das letras e dos números na escola, não precisa necessariamente abandonar a capacidade de fantasiar. (MÖDINGER, 2012, p. 15.)

Muitas vezes o professor faz pequenas interferências, como a indicação de uma determinada cor para se usar em um desenho específico ou padronizando um formato de flor por exemplo. Este auxílio impede que a criança produza suas próprias construções, tornando-a reféns de padrões pré-definidos.

Outro fator importante é a formação do conceito de bonito/feio e perfeito/errado. O professor deve se atentar a este fato e a situações como a de alunos que fazem cópia de desenhos por achar suas próprias produções feias ou fora de um padrão.

Mödingen nos propõe lembrar:

(...) dos desenhos que eram feitos na infância. Desenhos no chão, nas paredes, em qualquer lugar, não há certos ou errados em desenhos; desenhamos conforme nossos próprios desenvolvimentos, a partir das experiências que tivemos. Desenhar fotograficamente, representando fielmente o “real”, é apenas uma das possibilidades do desenho, não a única. Por meio de um desenho, de uma pintura ou qualquer outra representação gráfica, podemos inventar o mundo que quisermos, e é justamente essa uma das faces mais belas no mundo das Artes Visuais. Podemos aprender muito sobre essas possibilidades conhecendo os artistas e suas produções. (MÖDINGER, 2012, p. 21).

Reconhecendo a importância de se produzir nas séries iniciais, é necessário pensar em uma forma de incentivar a produção no espaço escolar sem “podar” a criatividade de nossas crianças, trabalhando o ato de produzir como parte do processo de construção de conhecimento.

O PCN-Arte refere-se ao ato de produzir como:

(...) fazer artístico (como expressão, construção, representação) e ao conjunto de informações a ele relacionadas, no âmbito do fazer do aluno e do desenvolvimento de seu percurso de criação. O ato de produzir realiza-se por meio da experimentação e uso das linguagens artísticas. (PCN-Arte, 1998 p.50.)

3. Repensando o ensino de Artes Visuais no 1º ano do Ensino Fundamental.

A arte está presente por todo lado, esculturas nas praças, painéis em igrejas, fotos em revistas, jornais e livros são alguns exemplos que demonstram o quando a arte está presente em na vida. Diante disso surge o questionamento, qual é o valor da arte dentro do cenário educacional?

Ensinar a olhar e perceber arte são alguns dos grandes desafios no seu ensino, mas, como a arte está presente em vários ambiente, podemos trazê-la para dentro da sala de aula e ensinar para que tenha funcionalidade na vida dos educandos. Esta atitude pode ser um grande facilitador para o ensino de arte como afirma Iaverlberg:

Trazer conteúdos de arte do ambiente de origem e do cotidiano dos estudantes para sala de aula é uma boa e motivadora escolha curricular. Essa prática valoriza o universo cultural do grupo, dos subgrupos e dos indivíduos, incentiva a preservação das culturas e cria em cada um o sentimento de orgulho da própria cultura de origem e de respeito a dos outros, o que constitui condição. (IAVERLBERG, 2003, p.12)

A criança vê, percebe, interfere na realidade ao seu redor, e cabe ao educador preparar o olhar destas crianças para ver o mundo ao seu redor de forma crítica, percebendo o que não está visível ao primeiro olhar e interferindo de forma criativa e funcional no seu meio de vivência. Nesta linha, o ensino a arte se torna um importante instrumento no processo de formação do cidadão.

Em suas práticas pedagógicas o educador deve buscar nas vivências das crianças e, através dessas, possibilitar reflexão sobre o espaço ao redor.

Ao pensar em ensino de arte para crianças de seis anos, deve-se levar em consideração que, ao pensar, repensar, criar e apreciar arte, essa criança expressa o seu sentir, sua relação com o outro e a sua relação com o mundo. Considerando este fato, Ostetto e Leite dizem que:

(...) cada um de nós aciona acervos e experiências anteriores para que a troca e a significação de estabeleçam. Por essa razão, para que a troca e a significação de cada contemplador diferente, um mesmo produtor resultará num sentido outro- e é o que se espera. (OSTETTO; LEITE, 2004, p.36)

Ao ensinar arte para uma criança, o educador deve levar em conta a fase de desenvolvimento desta, para não fazê-la agir como um adulto em miniatura. Assim, a criatividade e a curiosidade das crianças serão respeitadas levando em conta as necessidades de cada um para construção de conhecimento, com experiências bem ou mal sucedidas, mas que vividas por cada um dos educandos.

No processo ensino aprendido o educando é o foco principal para que a aprendizagem aconteça, pensando nisto, deve-se possibilitar a ele um ambiente instigante, adequado à construção de conhecimento.

Dentro da escola a criança deve ser estimulada desde sua iniciação a agir com autonomia e a refletir sobre si e tudo que a rodeia, pois quando entendemos o meio podemos interagir com ele. Fica claro que o papel do professor é criar suportes para que o aluno possa refletir não apenas o que está visível ao primeiro olhar, mas pensar criticamente sobre tudo que foi visto por ele. Portanto, não basta ver, devemos também pensar, analisar e agir sobre nosso meio.

A criança tem como uma de suas características naturais interagir com o meio, demandando fazer coisas novas, criar, recriar, modificar. O professor deve repensar seu fazer pedagógico e direcionar sua atenção para este fato, incentivando e orientando a produção para que seu aluno não seja desestimulado a produzir. Segundo o PCN os conteúdos de Arte devem ser organizados para que:

(...) possam atender aprendizagens cada vez mais complexas no domínio do conhecimento artístico e estético, seja no exercício do próprio processo criador, pelo fazer, seja no contato com obras de arte e com outras manifestações presentes nas culturas ou na natureza. (PCN-ARTE, 1998. p. 49.)

Para uma criança produzir algo, ela necessita pensar sobre o que vai criar, e, para isso, volta o pensamento a experiências passadas ou presentes, desenvolvendo seu processo criativo.

Dentro de uma sala de aula devem existir possibilidades inspiratórias para a criança e, segundo Prosser (2012), o professor deve:

Incentivar as crianças para que reconheçam na sala de aula várias manifestações artísticas envolvendo sons, linhas, cores, palavras, textos, estruturas. Sublinhar sempre as questões de criatividade, sensibilidade, expressividade e estética. Conversar com elas sobre o que descobriam, listando as manifestações. (2012, p. 10)

Fica evidente a importância de um professor motivador para o desenvolvimento de uma criança. Para ser um professor motivador várias ferramentas e estratégias devem ser adotadas com o propósito de apresentar possibilidades de um universo mediador da aprendizagem, que acontece a qualquer momento e em qualquer lugar.

Ao incentivar o aluno a fazer, o professor deve apresentar possibilidades de pensar e refazer sua obra, caso o aluno sinta necessidade. A criação é um processo e o fazer, pensar e refazer constituem parte deste.

Quando a criança chega à escola traz consigo uma bagagem, com preferências que são modificadas durante toda vida e que por isso estas preferências devem ser valorizadas e respeitadas como afirma Prosser (2012) quando fala sobre o ensino de arte que:

Valoriza a herança cultural, não apenas como informação, mas também como objeto de reflexão e conhecimento de pensamentos e épocas distintas;
 Valoriza a arte como expressão psicológica, direcionando-a, porém, para a conscientização das próprias capacidades e da possibilidade de interação com o outro meio;
 Valoriza o saber-fazer, isto é, o aprendizado das várias técnicas, não como fim em si mesmas, mas como ferramentas, capacitando o educando a interagir com o seu meio. (PROSSER, 2012, p.10)

3.1 Possibilidades de trabalho.

Muitos professores que atuam no ciclo inicial da alfabetização tem como predominância de suas atividades pedagógica o uso da cópia como releitura. Na maioria das vezes quando escutamos de um professor a palavra releitura este a entende como cópia, nestes casos existe a necessidade do educador buscar uma nova visão, pensar em contextualização de obras de arte. Buoro afirma que:

(...) sem sombra de duvida, que uma das propostas de aula mais frequentemente realizadas por educadores de artes visuais constitui-se na assim denominada “releitura da obra de arte”, entendida por muitos como uma cópia elaborada pelos alunos com base na imagem que lhes é oferecida. Se realizada dentro desse modelo, pouco ou nada acrescenta ao conhecimento da construção da imagem produzida pelo artista. (2002, p. 21 e 22).

No entanto deve-se ter muito cuidado com esse tipo de atividade, pois crianças têm dificuldade em reproduções idênticas e se sentem incapazes por não

corresponder ao proposto pelo professor. Uma boa possibilidade de se trabalhar esse tipo de atividade é valorizar o que a criança traz como conhecimento de mundo e, através deste, trabalhar para a formação de um indivíduo analítico, que reconhece o que produz como sua forma de expressão.

Refletindo sobre a ação de educador e as possibilidades de se formar um cidadão crítico, o PCN- Arte apresenta critérios que devem articular o processo de ensino aprendido, considerando-os durante os trabalhos em sala de aula, podem se tornar um direcionador em atividades como a “releitura” apresentada acima.

O PCN caracteriza contextualização como o processo de “situar o conhecimento do próprio trabalho artístico, dos colegas e da arte como produto social e histórico, o que desvela a existência de múltiplas culturas e subjetividades”. (PCN, 1998, p. 50).

Uma boa sugestão de como os trabalhos em sala de aula podem ser direcionadas é apresentada no PCN-Arte que propõe priorizar:

- conteúdos que favoreçam a compreensão da arte como cultura, do artista como ser social e dos alunos como produtores e apreciadores;
- conteúdos que valorizem as manifestações artísticas de povos e culturas de diferentes épocas e locais, incluindo a contemporaneidade e a arte brasileira;
- conteúdos que possibilitem que os três eixos da aprendizagem possam ser realizados com grau crescente de elaboração e aprofundamento. (1998. p. 51.)

No entanto, percebe-se o quanto os educadores se sentem despreparados a contextualizar obras de arte e por isso a insegurança para realizar um trabalho com este objetivo com os alunos. O educador deve saber o que ensinar e para isso a busca pela capacitação continuada torna-se fundamental.

Cabe ao professor criar possibilidades para os alunos pensarem nas questões abordadas pela obra. Fritzen (2008) afirma que:

(...) precisamos capacitar crianças e professores para apreciação e a recepção ativa, se as crianças não têm uma mediação adulta sistemática que as auxilie na construção de uma atitude mais crítica em relação ao que assistem, a precariedade da reflexão sobre linguagem impede que a compreensão dessas crianças seja mais rica. (2008, p.55)

Analisando a atividade de “releitura”, percebe-se que se o professor tiver conhecimento de como se trabalhar uma obra, levando em consideração o contexto em que foi produzida e o espaço em que está sendo trabalhada, esta atividade

produzirá resultados objetivados pela disciplina. Possibilitando aos alunos a construção de conhecimentos sólidos e que o auxiliará em uma visão crítica do mundo ao seu redor, além da reflexão e aprendizagem com a atividade trabalhada.

O professor além buscar novas possibilidades de trabalho, também deve utilizar o que tem a sua disposição, tentando realizá-los da forma mais funcional possível.

Voltando à prática educacional da Escola Estadual “Silveira Drumond” e analisando os livros disponíveis no acervo complementar para uso das séries do ciclo inicial do ensino fundamental, percebe-se que existem boas obras e que estas apresentam conteúdos que atraem a atenção e criam possibilidades de reflexão sobre diversos conteúdos artísticos, no entanto estas não são usadas com este propósito.

Para Mödinger cabe ao professor:

(...) aprender a arriscar, saber onde procurar subsídios que alimentem e ampliem as suas próprias ideias a respeito de como pode ser uma aula de arte nos anos iniciais. Todos nós podemos ser um pouco artistas. Parte disso envolve arriscar, aventurar-se sem medo em um caminho que nem sempre sabemos a onde vai chegar. (MÖDINGER, 2012, p. 21)

Cada professor conhece seus alunos e as possibilidades de trabalho com os mesmos e levando em consideração o desenvolvimento, o interesse e as particularidades de cada classe este deve buscar alternativas para desenvolver um trabalho coerente às possibilidades da turma, tendo consciência dos caminhos que irá percorrer para atingir determinado objetivo. Frente ao fato para se evitar fracassos:

(...) cabe à professora fugir das receitas prontas, “projetos” já finalizados, desenhos reproduzidos, coreografias da mídia que muitas vezes eles já aprenderam fora da escola. (MÖDINGER, 2012 p. 22.)

3.2 Trabalhando com Áudio Visual nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Vivemos em um mundo onde a tecnologia circunda toda a sociedade.

Com o crescente e veloz desenvolvimento tecnológico, vivemos tempos de mudanças em que os meios de comunicação atualizam constantemente, tornando as mídias grandes protagonistas dessa sociedade da comunicação e determinando cada vez mais atitudes, valores e estilos de vida. (FRITZEN, 2008, p. 42 e 43).

No entanto na escola muitas vezes estes avanços não são acompanhados pelos educadores, como afirma o mesmo autor.

(...) se, por um lado, estamos imersos num universo cada vez mais complexo, em que crianças estão expostas a linguagens audiovisuais como formas de expressão, criação e comunicação, por outro lado, a educação que as crianças recebem continua sendo pautada prioritariamente na linguagem verbal, desconsiderando outras linguagens. (FRITZEN, 2008. p. 42 e 43.)

Pensando no ensino de áudio visual na Escola Estadual “Silveira Drumond”, onde uma das professoras afirmou apresentar filmes aos alunos, faz-se necessário refletir sobre as metodologias utilizadas neste ensino, uma vez que esta exibição deve estar/ser contextualizada à realidade dos educandos, pois ao exibir um vídeo, espera-se que sentimentos e emoções possam ser despertados em uma criança, estes são desenvolvidos através de experiências anteriores. Diante dessa realidade cabe ao professor estimular situação de forma consciente e coerente ao contexto para que a apreciação deste filme seja significativa para o aluno, auxiliando-o a identificar o que é apresentado pelas imagens contextualizado com suas vivências.

Através disso, o professor pode direcionar reflexões ou mesmo observar manifestações espontâneas de raiva, amor, ódio, etc. Para se perceber o contexto e manifestações de sentimentos o aluno cria critérios de observação e de forma analítica e ou criativa traduzem seus sentimentos pensamentos em ações.

O professor ao selecionar uma obra áudio visual deve observar o objetivo artístico esperado de forma que a obra possibilite alcançá-lo. Sobre isso Fritzen (2008) diz que:

(...) pensar o cinema na escola e a educação como formação cultural implica a adoção de uma postura crítica e de capacidade expressivas para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelo filmes e pelas mídias; é uma forma de educar esteticamente a criança; é inseri-la num processo criativo, o que remete , mais uma vez, à formação do educador. (FRITZEN, 2008 p.55)

Como foi exposto acima, o ensino de audiovisual é contemplado na prática educativa na Escola Estadual “Silveira Drumond” apesar de não haver relatos dos professores de como este é realizado, mas no ensino de arte o apreciar e produzir faz parte do processo de ensino em sala de aula, no entanto não há relatos de produção deste tipo de atividade.

Adequando os trabalhos a uma turma de iniciação alfabética, pode-se realizar atividades mediatizadas pelo professor, essas produções podem ter como foco o desenvolvimento da criatividade e do senso crítico do educando, trabalhos que busque o autoconhecimento, o conhecimento do outro, o respeito à diversidade e as emoções.

O aluno deve ter a oportunidade de repensar sobre suas próprias produções e as produções dos colegas, criar espaços para se discutir e criticar construtivamente. O professor pode, por exemplo, intermedializar fazendo as gravações com uma câmera digital, registrando as atuações de seus alunos em expressões espontâneas, e através da apresentação do vídeo oportunizar aos alunos momentos reflexivos, onde o fazer e refazer podem ser trabalhados, possibilitando ao aluno fazer considerações sobre sua atuação e de seus colegas, apreciando a produção e refletindo sobre ela.

Segundo o PCN-Arte.

Apreciar refere-se ao âmbito da recepção, incluindo percepção, decodificação, interpretação, fruição de arte e do universo a ela relacionado. A ação de apreciar abrange a produção artística do aluno e a de seus colegas, a produção histórico-social em sua diversidade, a identificação de qualidades estéticas e significados artísticos no cotidiano, nas mídias, na indústria cultural, nas práticas populares, no meio ambiente. (PCN-ARTE, 1998, p. 50)

Através da apreciação o aluno pode até mesmo avaliar sua própria atuação. Segundo Prosser a arte pode ser “(...) uma reelaboração da realidade, pois cada pessoa vê uma mesma coisa de maneira diferente e a reconstrói usando formas, ritmos, linguagens e elementos diversos.” (PROSSER, 2012 p. 6)

O mesmo autor apresentam propostas simples e sem gastos que podem ser trabalhadas atingindo diversas capacidades, como se pode ver na atividade a seguir:

Fazer um passeio pela escola e pedir para cada criança procurar três elementos para a lista (não contar para os outros alunos, pois os novos elementos somente serão compartilhados em sala de aula). Se forem crianças alfabetizadas, elas poderão escrever listando os itens, para lembrar deles depois. Voltar à sala de aula, comentar e analisar os elementos novos, adicioná-los à lista. Buscar os elementos comuns entre eles. Refletir sobre os significados, isto é, dos símbolos presentes. O professor poderá propor jogos com os elementos encontrados. (PROSSER, 2012, p.11)

Nesta atividade o professor orientará o aluno para o desenvolvimento de capacidades apresentadas na Matriz Curricular de Artes - Ciclo da Alfabetização como a de:

- 1.1 Reconhecer em seres e objetos, em paisagens naturais e artificiais características expressivas das artes visuais.
- 1.5 desenvolver a habilidade de elaborar registros pessoais para a sistematização das experiências vivenciadas. (SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO)

Prosser (2012) afirma que este tipo de atividade apresenta-se “como mediadora do conhecimento, pois ao observar o seu mundo e ao reelaborá-lo por meio da sua própria criatividade a imaginação a criança aprende a compreendê-lo e a relacionar-se com ele”. (PROSSER, 2012, p. 13)

Professores que receberam uma formação deficitária na área da arte, na maioria das vezes, não apresentam conteúdo para auxiliar seus alunos na construção de aprendizado em arte. É certo que várias mudanças aconteceram e existem diversas possibilidades de trabalho. No entanto, o educador deve se ater a uma diversidade de fatores presente no contexto educacional, e, através desse, repensar sua prática visando alcançar o objetivo de formar cidadãos críticos, uma vez que o fazer, contextualizar e refletir arte são eixos interligados e fazem parte do processo de ensino em arte e tem o objetivo despertar indivíduos capazes de interpretar e modificar seu meio de vivência.

3.3 A avaliação no ensino de arte.

Um importante fator no ensino de Artes Visuais é a avaliação da aprendizagem que implica diretamente com a qualidade da proposta de ensino apresentada aos alunos.

Quando se fala em avaliar, muitos caracterizam esta situação como a análise dos trabalhos dentro de um “padrão clássico” que leva em consideração o aspecto estético do feio/bonito ou até mesmo o comportamento do aluno durante as aulas. Durante a entrevista com as duas professoras da Escola Estadual “Silveira Drumond” pode-se perceber uma visão equivocada do que é avaliação em Artes Visuais, uma vez que estas abordam questões como participação, relacionamento em grupo e desempenho do aluno, não especificando questões relacionadas ao

objetivo da disciplina. Mas avaliar em arte atinge horizontes bem mais complexos e pode se tornar um excelente momento para o aprendizado como afirma Iavelberg:

A avaliação deixa de ser um instrumento de controle ou sanção expiatória na mão do professor e passa a ser mais uma oportunidade de aprendizagem para o aluno. Aliás, uma boa situação de avaliação costuma configurar-se como uma boa situação de aprendizagem. (IAVELBERG, 2003, p. 29)

Uma das formas mais “práticas” de se avaliar é através de relatos escritos, mas, no 1ºano, onde os alunos ainda não dominam o sistema de escrita, cabe ao professor criar estratégias como, por exemplo, a possibilidades de relatos orais ou a criação de um portfólio, onde o desenvolvimento do educando pode ser registrado por ele mesmo, através de atividades propostas pelo professor.

A avaliação é um excelente recurso para o professor planejar suas atividades e refletir sobre sua prática. Ele pode avaliar antes, durante e depois de uma ou mais sequências de atividades ou projetos de trabalhos a fim de ter mais elementos a guiar suas ações. (IAVELBERG, 2003, p. 29)

Outro fator muito importante para o desenvolvimento da aprendizagem e para efetivação da avaliação é expor ao educando em que será avaliado, com esta atitude o educador direciona aprendizagem e possibilita ao aluno fazer uma auto avaliação do seu trabalho e de sua aprendizagem, refletindo sobre suas práticas e ações dentro do espaço escolar. “A autonomia e a participação dos alunos são reais quando eles têm consciência da necessidade das propostas que executam ou do interesse por elas.” (IAVELBERG 2003, p. 11)

Considerações finais

O ensino de artes no Brasil apresenta características de um percurso histórico que iniciou no período colonial e mesmo ganhando reconhecimento na legislação, no contexto escolar este ensino ainda encontra-se muito desvalorizado.

No ensino de arte, grandes conquistas foram alcançadas como sua consideração como disciplina, a obrigatoriedade de ensino assegurada pela LDB de 1996 e a subdivisão em quadro modalidades artísticas (Artes Visuais, Teatro, Dança e Música) apresentada no PCN-Arte (1998).

Por outro lado, os motivos para a desvalorização do ensino de arte são os mais diversos, como a falta de avaliação criteriosa objetivando as capacidades da disciplina, a pequena carga horária, o processo histórico da disciplina, o pouco conhecimento sobre arte na sociedade, etc.

Percebe-se que os educadores apresentam dificuldades de trabalhar esta área do conhecimento e uma das principais causas é a formação deficitária que receberam durante sua graduação.

Na realidade o ensino de Artes Visuais na educação básica das escolas públicas apresenta professores que, na maioria das vezes, não possuem formação na área, o que é um dos motivos de desvalorização deste ensino, sendo que este é visto como passatempo pelas crianças e educadores.

Há um longo caminho pela frente para que o ensino de Artes Visuais seja realmente valorizado e sua prática alcance os objetivos esperados no ensino da disciplina.

As possibilidades de mudanças neste cenário são reais, uma vez que nas escolas públicas pode-se perceber investimentos visando o aperfeiçoamento do ensino de arte, este se faz através da distribuição de livros para a formação de um acervo complementar que contempla o ensino de Artes Visuais com excelentes obras. Outro ponto positivo é a formulação da Matriz Curricular para o ensino de Arte nas Séries Iniciais que aborda o tema contemplando seu ensino como formador de cidadãos críticos.

Aos seis anos a criança está iniciando nas Séries iniciais, neste momento deve ter a oportunidade de formar suas próprias considerações de mundo e assim interferir positivamente em seu meio. Esta prática busca o que é apresentado no artigo 205 da Constituição Federal, que apresenta como objetivo da educação o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para exercer a cidadania.

Portanto, para que aconteçam mudanças realmente significativas, deve-se investir em formação em artes para os educadores que atuam no ciclo de iniciação alfabética. Professores capacitados possibilitarão aos educandos construir conceitos que muitas vezes não são objetivados em outras disciplinas.

Professores e administradores educacionais devem buscar meios e recursos para que a formação em arte seja continuada, com o objetivo de melhorar a prática deste ensino dentro das escolas.

Outro fator importante para se ensinar arte são os materiais pedagógicos, no entanto não são necessários grandes investimentos, uma vez que, trabalhar com o que se encontra à disposição, viável, possibilitará a formação de conceitos importantes para a formação do cidadão que contextualizará suas produções com sua realidade.

Enfim, grandes conquistas já aconteceram dentro do ensino de arte, mas ainda há um longo caminho pela frente e este passa pelo efetivo cumprimento do que é apresentado em nossa legislação e principalmente pela capacitação dos educadores em arte.

Referências

BARBOSA, A. M.; AMARAL, L (Org.) **Interterritorialidade: mídias, contexto e educação**. São Paulo: SENAC São Paulo Edições SESC, 2008.

_____, Ana Mae. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998.

BIASOLI, Carmem Lúcia. **A formação do professor de arte: do ensaio à encenação**. São Paulo: Papyrus, 1999.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF, 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte. Ensino de quinta a oitava séries**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC /SEF, 1998.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Senado. Brasília: DF , 1998.

BUENO, Luciana Estevan Barrine. **Linguagem das artes visuais**. Curitiba. Ibpes. 2008.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura de imagem e o o ensino da arte**. São Paulo: Educ, FAPESP, Cortez, 2002.

CARRARA. Rosângela Martins. **O ensino das artes no Brasil 195 anos de história**. Simplíssimo livros. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=xCdt6b5K2foC&printsec=frontcover&dq=o+ensino+de+arte+no+brasil+195+anos&hl=ptBR&sa=X&ei=gMZ3UqOULcurkAfsIIcGdQ&redir_esc=y#v=onepage&q=o%20ensino%20de%20arte%20no%20brasil%20195%20anos&f=false>. Acesso em 04 out. 2013.

FRITZEN, Celdon.; MOREIRA, Janine (org.). **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

GOUTHIER, Juliana, KOLB, Rosvita. **O que queremos com a Arte?** . In: DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas (org.). **Múltiplas linguagens e formas de interação da criança com o mundo natural e social II: corporeidade, artes e música**. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2009.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MACEDO, Juliana G. **História do Ensino da Arte no Brasil**. In: PIMENTEL, Lucia G. (Org.). **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. (Apostila do curso.).

MINAS GERAIS. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **Matriz Curricular De Artes Ciclo Da Alfabetização E Ciclo Complementar1º, 2º, 3º, 4º, 5º Anos Do Ensino Fundamental–Versão Preliminar.**

MINAS GERAIS. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **Conteúdo Básico Comum – Artes. Educação Básica - Ensino Fundamental e médio.** Brasília. 2005.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão de Minas Gerais. **Editais da Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão de Minas Gerais SEPLAG/SEE Nº. 01 /2011, de 11 de julho de 2011.** Disponível em:<<http://www.educacao.mg.gov.br/images/stories/noticias/2011/Julho/edital-see-11-07-.pdf>> Acesso em 04 set. 2013.

MÖDINGER, Carlos Roberto et al. **Práticas pedagógicas em Arte: espaço, tempo e corporeidade.** Erichim: Edelbra, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda.; LEITE, Maria Isabel. **Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão.** Campinas, SP; Papirus, 2004.

PENTEADO.C. **A arte e a educação na escola: Os caminhos da apreciação estética de jovens e adultos.** Programa de pós-graduação em educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2001. Disponível em <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/994/1/tese.pdf> > Acesso em set. 2013

PIMENTEL, Lúcia Gouvêia. **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 3.** Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. (Apostila do curso.)

_____, Lúcia Gouvêia. **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 1.** Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. (Apostila do curso.)

_____, Lúcia Gouvêia. **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 2.** Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. (Apostila do curso.)

PORCHER, L.(Org.). **Educação artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1982.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. **Ensino de artes.** Curitiba, PR: IESDE Brasil 2012.

Apêndice

Entrevista realizadas com as professoras que atuam no 1º ano do ensino fundamental da Escola Estadual “Silveira Drumond”

Professora I

1. **Qual é sua área de formação?** Normal Superior com licenciatura plena Pós em Psicopedagogia.
2. **Durante sua formação foi abordado o ensino de Artes visuais?** Sim, Quarenta horas.
3. **O que você entende por Artes Visuais?** Figuras, paisagem etc.
4. **Como são suas práticas pedagogias no ensino de Artes Visuais? Que tipo de atividade é desenvolvida em suas aulas?** Em cima de texto pedia ao alunos de ilustrassem, colorir desenhos, montar mosaicos. (atualmente afastado de sala).
5. **Que tipo de material você utiliza em suas aulas de Artes Visuais?** Gravuras, retratos, giz, massinha, papel reciclado pelos alunos, colagem, pintura com giz e nanquim.
6. **A escola fornece este material?** Não.
7. **Em sua escola existe material didático para o ensino de Artes Visuais?** Não.
8. **Se existe como é este material?**
9. **Como é feita a avaliação dos alunos nas aulas de artes Visuais?** Participação e relacionamento em grupo.
10. **Qual é a importância do ensino de Artes Visuais para você?** Importante.
11. **Com a formação que você teve até aqui, você se sente capacitada para trabalhar Artes Visuais nas Series Iniciais?** Não
12. **Você já recebeu algum tipo de formação continuada na área de Artes Visuais?** Não

Professora II

1. **Qual é sua área de formação?** Normal Superior completo.
2. **Durante sua formação foi abordado o ensino de Artes visuais?** Sim, brevemente.
3. **O que você entende por Artes Visuais?** É um conjunto de manifestações artísticas que compreende todo o campo de linguagem.
4. **Como são suas práticas pedagógicas no ensino de Artes Visuais? Que tipo de atividade é desenvolvida em suas aulas?** Desenhos, pintura, filmes colagem música, danças e outras.
5. **Que tipo de material você utiliza em suas aulas de Artes Visuais?** Papel, tesoura, lápis, canetinha, borracha, tinta, cartolina, papel cartão, emborrachado e outros.
6. **A escola fornece este material?** Alguns.
7. **Em sua escola existe material didático para o ensino de Artes Visuais?** Não.
8. **Se existe como é este material?**
9. **Como é feita a avaliação dos alunos nas aulas de artes Visuais?** Através de atividades trabalhadas de acordo com o desempenho do aluno e sua participação.
10. **Qual é a importância do ensino de Artes Visuais para você?** As artes visuais e de suma importância, pois, busca ampliar conhecimentos e sensibilidade dos alunos, tornando-os indivíduos criativos.
11. **Com a formação que você teve até aqui, você se sente capacitada para trabalhar Artes Visuais nas Series Iniciais?** Às vezes não, pois não tenho formação completa em artes visuais.
12. **Você já recebeu algum tipo de formação continuada na área de Artes Visuais?** Não.